TRILHAS INDIANAS DA ANTROPOLOGIA

MARIZA G.S. PEIRANO
Universidade de Brasília

> I am convinced that anthropology will be saved by those who have been its objects in the past, but only if they learn to look beyond the confines of their own cultures without losing the capacity to be themselves.
>
> Madan 1994: 134

Neste momento em que a história da antropologia vem sendo focalizada de inúmeros ângulos — a ponto de, em muitos casos, se confundir a disciplina com sua própria história — o livro de T.N. Madan* é excepcional porque escapa a qualquer classificação anterior, apesar de seus vínculos com o tema das reconstruções intelectuais. Delicado na construção e sutil no argumento, *Pathways* não tem como objetivo uma visão historiográfica e nem tampouco pretende defender uma genealogia para a disciplina. Trata-se de um livro que procura exercitar um projeto de reflexividade por intermédio de uma visão que resulta da própria trajetória do autor. São as trilhas intelectuais e os desbravadores do pensamento antropológico que Madan encontrou em sua carreira que fornecem ao autor a configuração geral do livro. Essa configuração resulta em uma coleção de trabalhos escritos nos últimos vinte anos, organizados em dois grupos: o primeiro, a respeito dos pioneiros — '*Pathfinders*'; o segundo, sobre seus próprios experimentos na antropologia — '*In search of a path*'.

---

* T.N. Madan, *Pathways. Approaches to the Study of Society in India*. Delhi: Oxford University Press, 1994. 290 pp.

Anuário Antropológico/94
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995

O autor é o antropólogo que há quase trinta anos tornou-se o principal personagem da transferência da revista *Contributions to Indian Sociology* para a Índia. Fundada na Europa por Louis Dumont e David Pocock em 1957, dez anos depois, quando seus editores resolveram encerrar a publicação por considerá-la um empreendimento fracassado, um grupo de antropólogos indianos liderados por T.N. Madan empreeendeu sua transferência para a Universidade de Delhi[1]. Este fenômeno ímpar na história da disciplina fez com que, no ocidente, T.N. Madan passasse a ser considerado o herdeiro indiano de Dumont. Sua auto-representação, contudo, mostra um projeto mais ambicioso: para Madan, Dumont é um dos desbravadores do campo, mas que se soma, em sua trajetória pessoal, a outros personagens que ele agora apresenta de maneira explícita ao público mais amplo através da Oxford University Press.

Aí está uma das grandes surpresas de *Pathways*. Familiarizados no Brasil com as linhagens consagradas — como as de Lévi-Strauss, Bourdieu, Foucault, Geertz e outros, e a elas nos vinculando como que diretamente —, esquecemos o alerta de Antonio Candido, de que o caminho para a independência intelectual de um país passa pela construção de linhas de pensamento locais, as quais permitem que as importações dos centros de produção teórica sejam incorporadas sem que se transformem, necessariamente, em puro mimetismo. É por essa via que o livro de Madan realiza na Índia o projeto ('brasileiro') de Antonio Candido, ao mostrar como uma trajetória de um antropólogo indiano se constrói pelo diálogo com autores de diferentes origens, *mas também com precursores indianos*. O resultado é um depoimento — só na aparência singelo —, de como, *de dentro*, são construídas o que comumente chamamos de tradições, linhagens, heranças e descendências intelectuais. Em suma, nessas trilhas indianas, seguimos a complexa teia na qual o antropólogo se vê intelectual, emocional e politicamente enredado, nos diálogos que empreende e nos caminhos que vai abrindo, sempre gestados em relação aos que o antecederam, aos seus contemporâneos e à nova geração de aprendizes.

Não importa que os indianos sejam pouco conhecidos no exterior, porque, divulgado em inglês, o livro é escrito *também* para indianos. As-

---

1. Para a história da mudança da revista da Europa para a Índia, ver Peirano 1992: cap.8, que contém uma bibliografia ampla de T.N. Madan.

sim, Madan pergunta logo no início como é possível esperar que a Índia construa tradições acadêmicas sem seriamente levar em conta o trabalho dos predecessores. Sob o título de '*Pathfinders*', em cinco capítulos Madan fala daqueles com quem aprendeu a pensar sociologicamente: D.P. Mukerji (1894-1961), seu ex-professor em Lucknow, que demonstrou o quanto as preocupações com o vínculo entre tradição e modernidade fazem parte da agenda do intelectual indiano — primeiro, sob a forma conceitual; posteriormente, em relação aos problemas da sociedade indiana propriamente dita. Nesse caso específico, Mukerji contemplava e propunha uma *acomodação* das diferenças, mais do que um ideal de *integração*. A trajetória holista que vai dos problemas teóricos às questões sociais locais nos é familiar, e não surpreende ao leitor brasileiro saber que ideais marxistas tornaram-se referência para Mukerji ao longo de sua carreira e que ele defendia uma ciência social inclusiva, que abarcava a sociologia, a economia, a filosofia e a história. Outro personagem é D.N. Majumdar (1903-1960), também professor em Lucknow e divulgador das idéias de Malinowski (de quem foi aluno), cujo interesse pelo estudo da mudança social, particularmente as situações de contato, tornou-se seu envolvimento principal. Pesquisador de campo por natureza, Majumdar mostrou que era impossível dissociar o papel do cientista social das questões políticas mais gerais e saudou a adoção dos planos qüinqüenais na Índia. Como os sociólogos europeus, Majumdar acreditava que a ciência social tinha poder de intervenção no caminho da modernidade — mas, naturalmente, especial atenção ao caráter específico das sociedades da Índia deveria estar sempre presente. Já M.N. Srinivas (n. 1917), o terceiro personagem, é visto como o decano dos antropólogos indianos e, talvez por este *status* ambíguo por natureza, recebe uma avaliação positiva pelos conceitos de 'sanscritização' e de 'casta dominante' que cunhou (a primeira noção corresponde à entrada dos valores sânscritos em partes remotas da Índia, de modo a favorecer a elevação do *status* social das castas inferiores; a segunda procura explicar os conflitos entre castas altas e as menos afortunadas que aspiram subir no sistema de casta — ver Srinivas 1966), mas é criticado por seus métodos de pesquisa, que seguiam os cânones dos não-indianos que estudam a Índia — exatamente Srinivas que havia alertado os antropólogos indianos para a reflexão sobre a pesquisa de campo '*among one's own people*'.

O quarto personagem, Louis Dumont, é brindado com o mais longo ensaio dessa parte do livro. Madan ressalta a inovação do caráter civiliza-

cional da sua abordagem (que contrasta com a tradição britânica dos estudos empíricos sobre casta do meio do século — tanto de ingleses e norte-americanos quanto de indianos), a ênfase nos valores, o propósito de combinar a visão interna (*'from within'*) com a externa (*'from without'*) e a noção de *hierarquia* (o princípio pelo qual os elementos são relacionados ao todo). Por todas essas contribuições inovadoras, Dumont é o único a receber a designação de *outstanding pathfinder*, além de ser aquele estudioso da Índia que os novos pesquisadores precisam necessariamente confrontar para definir sua perspectiva. O leitor percebe, então, tratar-se de um diálogo especial quando Madan reconhece, em Dumont, 'an Indianist of an exceptionally high order' (1994: 58). Recordamos, nesse momento, que o próprio Madan já havia recebido de Dumont — um debatedor acirrado e nem sempre cordial — a observação de que a seriedade dos seus comentários era indisputável: 'the good faith of the commentator is here beyond question' — diz Dumont sobre Madan, ao responder, em 1980, às críticas feitas a *Homo Hierarchicus* desde sua primeira publicação em 1966 (1980: xxii). É nesse contexto também que Madan nota que *Homo Hierarchicus* não está traduzido em nenhuma língua nativa indiana e sugere, como possíveis explicações, a fluência, em inglês, do público ao qual o livro se destina; ou a análise abstrata e estilo denso, que tornam, da perspectiva dos sociólogos indianos, o livro pouco acessível.

Finalmente, no último capítulo dessa parte do livro, Madan avalia a contribuição dos antropólogos norte-americanos, de Kroeber a McKim Marriott, através das imagens da Índia que eles produziram. Madan deixa entrever então que, se na apreciação de Dumont sua ênfase foi nos aspectos teóricos, aqui são os componentes ideológicos das visões norte-americanas que chamam sua atenção. Para os antropólogos americanos do início do século (Kroeber, Linton), dominava a visão estática que provinha da literatura sobre a Índia; depois, já no contexto de pesquisa de campo e de preocupação com os processos de modernização, via-se uma Índia eterna (Mandelbaum, Redfield, Singer). Em seguida, a responsabilidade social do antropólogo passou a informar a visão *'from below'*, das castas mais baixas (Joan Mencher, Kathleen Gough, Gerald Berreman), que, nos anos 70 e 80, conviveu com a pretensão de se posicionar *'from within'* (Stephen Tylor). O trabalho de McKim Marriott, por sua complexidade, merece tratamento à parte: Madan ressalta que a importância dada às categorias cognitivas nativas leva-o a experimentar com uma representação tridimensional da socieda-

de hindu que, a seu ver, favorece a compreensão de um mundo em fluxo constante. Enquanto no ocidente o mundo é construído de indivíduos em contato, concebidos em termos de relações equivalentes de reflexividade, simetria e transitividade, o mundo sul-asiático é seu reverso: trata-se de um mundo de não-equivalência no qual nada permanece o mesmo por muito tempo. Madan conclui que, apesar da novidade trazida por McKim Marriot, no caso norte-americano em geral as representações são um produto do olhar homogeneizador do homem moderno, que enfatiza a alteridade (*'otherness'*). Focalizando casta, os antropólogos norte-americanos tiveram facilidade em ver a diferença cultural. Ecos dessa perspectiva se encontram entre os antropólogos britânicos, mas, devido à origem colonial do empreendimento etnográfico nesse caso, e às preocupações com a administração, o foco de interesse dos ingleses recaiu em tribos ou comunidades.

Estes são os *pathfinders de Madan*. Assim, longe da intenção de construir mais uma história da disciplina, Madan mostra, através de *suas* trilhas individuais, como as linhagens teóricas são construídas de acasos, de problemas temáticos e teóricos, da configuração de situações sociais e políticas de diferentes gerações. O diálogo de todas essas influências, *que se dá no investigador*, cria as condições para se abrir novos caminhos.

* * *

Esse é o tema específico da segunda parte do livro (*'In search of a path'*), que tem, na idéia de uma *critical self-awareness*, seu ponto central. É quando Madan examina tópicos como a pesquisa de campo feita por indianos na Índia — questão candente e antiga para os antropólogos locais (ver Béteille & Madan 1975; Srinivas, ed., 1979) — e focaliza, para negar, a inovação possível de uma antropologia rotulada de *indigenous*, *spontaneous* ou *native*, que, para Madan, falsifica a verdadeira natureza da disciplina. Em um texto 'intencionamente pessoal', Madan fala do desconforto que sentiu durante a experiência de realizar pesquisas exploratórias de campo com colegas, no resultado deprimente e na vivência traumática de invadir a vida de estranhos. Sua decisão de estudar os Pandits de Kashmir (sua casta de origem) resultou, na época de seu doutorado na Austrália, dessas explorações — naturalmente depois de receber o consentimento de Leach e Nadel, seus mentores ingleses. Nesse contexto, Madan indica co-

mo, em geral, é extremamente importante para o etnógrafo confrontar aquelas experiências que ele *não* está preparado para controlar — por não poderem ser antecipadas —, mas que se tornam cruciais por revelar uma série de categorias preconcebidas e, portanto, para o entendimento da sociedade ou cultura sob estudo. São essas experiências — quando bem resolvidas — que fazem da pesquisa de campo tanto uma alegria existencial quanto uma fascinação intelectual, independentemente de o grupo escolhido ser familiar ao pesquisador.

Um outro capítulo trata da identidade da antropologia feita na Índia. Madan defende o ponto de vista de que a consciência de empréstimo que domina a antropologia de lá só poderá ser substituída por uma auto-consciência crítica a partir de um novo *script*, atualizado por abordagens teóricas amplas — e não simplesmente pela mudança dos atores. O problema principal que Madan detecta não diz respeito a *quem* faz antropologia, mas *que tipo* de antropologia é desenvolvida. Ou, em suas palavras:

> A mere change of the stage and the actors will not enable anthropology to be reborn. In order to replace the prevailing borrowed consciousness by a heightened self-awareness among the non-Western anthropologists — thus paving the way for a mutual intepretation of cultures — we need to produce a different kind of play under the direction of comprehensive theoretical frameworks, which admit meaning and purpose into our discourse, and which integrate the view from the inside with those from the outside [:139].

Esta visão ampla implica uma consciência do lugar de fala, uma postura política em sentido amplo, um posicionamento frente à história da disciplina e seus fundamentos, uma reflexão sobre questionamentos recentes (no seu caso específico, dos norte-americanos) e, naturalmente, uma reação às diferentes propostas indianas atuais (como a do grupo marxista dos *Subaltern Studies*, de Calcutá). Frente a todas essas influências, Madan indica que uma consciência crítica as deve reconhecer, confessa estar tentado por algumas, mas afinal retira delas apenas o que considera relevante, seguindo seu caminho próprio. Esta é a maneira que ele estabelece para evitar o vínculo da antropologia ao colonialismo — que atinge os antropólogos não-ocidentais tornando-os *as though Europeans* — e para impedir que a disciplina se restrinja ao papel de comentário sobre o processo histórico de racionalização do ocidente — situação que faz com que, além dos *campi* dos centros intelectuais ocidentais, só existam 'periferias'.

Três análises encerram o livro: a Índia está presente direta ou indiretamente em todas e a estratégia básica está na adoção de uma perspectiva histórica e etnográfica comparativa. Em suas análises, ora o foco é a relação entre muçulmanos e hindus no vale de Kashmir — para examinar a relação entre ideologia religiosa e identidade étnica; ora a criação de Bangladesh em 1971 — com o objetivo de desvendar a historicidade das relações entre etnicidade e integração nacional; ou ainda as respostas contrastivas da Índia e do Japão à influência do ocidente, confrontando respostas estéticas e/ou morais às religiosas e/ou políticas. O livro encerra lembrando que é um tributo à liderança intelectual de M.N. Srinivas o fato de que, três décadas antes, seus trabalhos já apontavam para os dilemas da ocidentalização. As trilhas de Madan se encerram conectando, assim, a imagem do antropólogo indiano ao tema que tem como inspiração uma inequívoca inflexão dumontiana e maussiana, dando plena ciência de que a boa antropologia hoje se faz pela adoção de um projeto de universalidade que não tem a Europa como sua referência última — mas que inclui paradoxalmente, de forma necessária, as teorias sociológicas e antropológicas clássicas, que facilitam a coerência teórica e sociológica da disciplina[2] — e adota também novos atores, novos palcos e, especialmente e de forma indispensável, novos *scripts*, gerados da consciência da *locação* do pesquisador.

* * *

Quando T.N. Madan levou a revista *Contributions to Indian Sociology* para a Índia, o evento mostrou como iam longe os dias em que os franceses e ingleses sentavam-se em casa para discutir a etnografia feita além-mar. Mas, por outro lado, o renascimento da revista na Índia trouxe conseqüências aparentemente curiosas quando, por exemplo, percebeu-se que ela havia servido para reafirmar a queixa constante dos antropólogos indianos de que seus problemas intelectuais são preestabelecidos para eles no ocidente. Esta queixa geral foi particularizada, no caso específico de *Contributions*, quando se notou que a revista havia levado para a Índia os problemas intelectuais de Dumont, Pocock, Bailey — símbolos, então, de uma tradição de especialis-

2. Ver Peirano, no prelo (Posfácio), para a idéia de uma 'história teórica' na antropologia.

tas europeus sobre a Índia. Anos se passaram antes que a voz indiana pudesse ser reconhecida, o que só aconteceu depois das iniciativas enriquecedoras, mas não menos penosas, de debater, procurar transcender e renascer a partir das questões iniciais propostas na revista.

O fato de que tal situação foi bem resolvida mostra hoje, se não mais, que os tempos mudaram e que, se as cosmologias dos antropólogos está sedimentada em suas configurações socioculturais, a antropologia é una, embora se desenvolva em múltiplas variantes e tendências ideológicas. *Pathways* dá provas, também, de que as dúvidas sobre a criatividade da sociologia/antropologia feita na Índia se encerraram definitivamente e hoje linhagens concebidas como 'locais' — que, na verdade, nunca o são totalmente (especialmente no caso da Índia) — com as 'clássicas' se incorporam e se misturam de maneiras inovadoras. O livro mostra, finalmente, ao apresentar a trajetória de um antropólogo indiano através de uma etnografia biográfico-intelectual, que a Índia deixou de ser interessante ao ocidente apenas pelo seu exotismo etnográfico (que, aliás, permanece), ou como simples contraste ao ocidente, mas que, mais fundamentalmente, hoje desperta a atenção como lugar de produção de teoria e de intelectuais que o mundo acadêmico mais amplo precisa ouvir e deve debater.

BIBLIOGRAFIA

BÉTEILLE, A. & T.N. MADAN (orgs.). 1975. *Encounter and Experience: Personal Accounts of Fieldwork*. Honolulu: Hawaii University Press.

DUMONT, Louis. 1980. *Homo Hierarchicus*. 3ª edição. Chicago: The Chicago University Press.

______. 1994. *German Ideology. From France to Germany and Back*. Chicago: The Chicago University Press.

MADAN, T.N. 1994. *Pathways. Approaches to the Study of Society in India*. Delhi: Oxford University Press.

PEIRANO, Mariza. 1992. *Uma Antropologia no Plural. Três Experiências Contemporâneas*. Brasília: Editora da UnB.

______. (no prelo). *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

SRINIVAS, M.N. 1966. *Social Change in Modern India*. Berkeley: University of California Press.

SRINIVAS, M.N. (org.). 1979. *The Fieldworker and the Field*. Delhi: Oxford University Press.